

MESSIAS, AL, 14 DE FEVEREIRO DE 1998

*Excelentíssimo Governador de Alagoas, caro amigo Manoel Gomes de Barros; Senhores Ministros que aqui se encontram; Ministro Raimundo Brito, de Minas e Energia; Ministro Carlos Albuquerque, da Saúde; Senhores Senadores, Senador Guilherme Palmeira, Senador Renan Calheiros, meu companheiro e amigo Senador Teotônio Vilela; Senhores Deputados Federais e Estaduais; Senhoras Prefeitas de Messias e de Rio Lago, a quem eu propus que fizesse, como no Mercosul, uma integração; Senhor Presidente da Chesf; Senhor Presidente da Eletrobrás; Senhoras e Senhores; Jovens Estudantes,*

Eu serei breve, porque é muito difícil falar depois do que já foi dito aqui e, sobretudo, depois do que, de forma inspirada, disse o Senador Teotônio Vilela. Senador Teotônio sabe o quanto eu fui amigo do seu pai.

Ainda ontem, à noite, rememorávamos aquela figura destemida de Teotônio. Eu me recordava de que, na época em que era difícil ser oposição, que, hoje, é tão fácil, na época em que protestar significava cadeira, tortura, capuz na cabeça – eu tenho experiência própria do capuz na cabeça –, Teotônio chegou a São Paulo na campanha da anis-

tia e me disse, com palavras que não eram para se discutirem muito, dada a energia, como o que já foi aqui referido: “Vamos lá ao Barro Branco.” Barro Branco era uma cadeia. Era a cadeia da Polícia Militar. E lá estavam os presos políticos.

Naquela época não havia contato possível com os presos políticos. Teotônio me tomou pelo braço, entramos no carro e fomos nós dois, sozinhos, seguidos da imprensa, ao Barro Branco. E, ao lá chegarmos, Teotônio mandou chamar o oficial que lá comandava, um capitão, que foi destituído depois, e deu ordem, de maneira peremptória: “Abra a porta. É o Senado da República que está chegando.” Ele era Senador, eu era, ainda, suplente de Senador. Confesso que eu estava temeroso.

Mas, ninguém podia ter temor, ao ver o destemor de Teotônio. Temor tinha quem estivesse do outro lado, e eu estava do lado dele. E as portas se abriram e, pela primeira vez, senadores da República entraram nas cadeias onde estavam reclusos presos políticos. Lá conheci alguns dos líderes da oposição que mais me atacam, hoje: Aroldo Lima, Genoíno, estavam todos lá, e nós pedimos, muito bem apoiados naquela ocasião, para que não fossem tratados daquela maneira, porque não mereciam.

Mas isso era Teotônio. E a história não se faz simplesmente aceitando-se as coisas. A história se faz ousando. A história se faz quando se tem um objetivo e quando se mobilizam as forças para que esse objetivo seja atendido. Essa lição, Teotônio, seu pai, deixou para todos nós, de menestrel. Eu vejo, e vejo com alegria, que o filho, hoje, incorpora e faz um discurso, aqui, que me deixa emocionado, ao ver não a gratidão apenas, mas mais do que isso, o entusiasmo com que ele olha para Alagoas, como nós todos, alagoanos, descendentes de alagoanos, brasileiros do Brasil todo, olhamos. E repito o que disse há pouco: Alagoas está sendo reconstruído por seus filhos. Pela unidade de seus filhos. Dos senadores, dos deputados, do Governador, da sociedade. E o símbolo dessa reconstrução está na justiça: cadeia para aqueles que são do crime organizado, corruptos, malandros. E, para isso, é preciso ter energia. O Governo Federal está à disposição do governo estadual, para continuarmos juntos nessa luta e exterminarmos de Alagoas a nódoa de uma história de crimes acobertados, às vezes pela Justiça, às vezes pela poli-

cia, às vezes pelo setor político. Isso não pode mais acontecer no Brasil, e não vai mais acontecer aqui, em Alagoas.

Mas não é só isso. Queremos um Alagoas novo, sentimento que, nas palavras do Governador e do Senador, já se fez claro, aqui. Há mais. Hoje, é o último dia da campanha Toda Criança na Escola. Há dezenas de anos, até secularmente, se dizia, no Brasil, que a questão fundamental era a criança na escola, era a educação primária. A Constituição diz que é dever do Estado dar a educação, que é dever do Governo. Nunca ninguém tinha cumprido esse dever. Nós estamos cumprindo. E aqui, em Alagoas, o Governador me informou, e é verdade, que há escola para todas as crianças alagoanas. E nós não queremos ver nenhuma criança alagoana fora da escola primária, daqui por diante.

Há pouco tempo, Alagoas era considerado um dos piores estados em matéria educacional. Nós mudamos isso. Não fui eu quem mudou. Foi o povo que mudou, foi a consciência social de que não dá mais para suportar criança fora da escola. E escola para criança é trabalho no futuro. No futuro, não terá trabalho quem não tiver informação, quem não for capaz de um mínimo de informação e de treinamento. Ao criar escola para as crianças, estamos criando trabalho para o futuro do Brasil.

Mas não é só isso. O Senador Teotônio mencionou aqui – e o Governador também – um conjunto de esforços que estamos fazendo, em conjunto, para que Alagoas possa crescer e possa haver um desenvolvimento econômico enraizado aqui, em Alagoas. Pois bem, nós temos um programa – e os senhores sabem – que se chama Brasil em Ação. E, nesse programa, o Governo Federal distinguiu 42 projetos, que são projetos prioritários. Nem todos são de obras físicas. Alguns são de obras sociais, como a questão da queda da mortalidade infantil, o programa de aceleração nas escolas primárias, para evitar a defasagem entre a idade e a série da criança. Outros estão no Ministério da Saúde, na mesma direção: melhorar a condição social. Mas há muitos programas que têm a ver diretamente com o desenvolvimento do Brasil, desenvolvimento econômico do Brasil.

Aqui, ao inaugurarmos a Subestação Teotônio Vilela e, mais adiante, a Freitas Neves, o que nós estamos fazendo é uma pequena parte de um

imenso programa de dotar o Brasil de energia. Saibam que, neste governo, nós estamos adicionando a toda energia já gerada no Brasil, desde o início de sua história, 40% a mais de energia elétrica. E 40% a mais de energia elétrica é obra do Ministro Raimundo Brito e de seus colaboradores, é obra da Chesf – e eu também me junto à homenagem ao Sérgio Moreira, que foi um batalhador pela Chesf –, é obra dos engenheiros da Chesf, é obra dos funcionários da Chesf, dos trabalhadores da Chesf. E 40% a mais de tudo que já foi feito, desde o descobrimento do Brasil, está sendo gerado a partir do meu governo.

Não sei se dará tempo de terminar tudo isso neste ano. Mas quem vier, depois de mim, terminará. E, dentro de pouco tempo, no máximo no decorrer de mais dois ou três anos, esses 40% serão energia já gerada, de maneira concreta, para que o Brasil possa continuar tendo um futuro digno de seus filhos.

Se nós formos olhar o que aconteceu no sistema de telecomunicações, poderia dizer a mesma coisa. Poderia dizer que os investimentos feitos em telefonia se equivalem, praticamente, a tudo que se fez de telefonia. O melhor momento foi no regime ainda autoritário, quando, realmente, houve um avanço em matéria de telefonia. Nós retomamos a telefonia. Hoje, Alagoas inteiro pode falar com telefone celular. E vão barateando. Já estão barateando. E vão baratear mais ainda, porque, se a concorrência que vai atender à clientela aumentar o atendimento do público, isso força a baixa do preço. A baixa do preço do telefone no Sul do Brasil já é significativa, já é sensível.

Energia e comunicação. Nos portos, fizemos uma transformação completa. Dizia-se sempre que, no custo Brasil, o porto era onde mais encalhava a nossa possibilidade de exportação. Vão verificar o que está acontecendo nos portos. Pacificamente, negociando com sindicatos, aquilo que custou greves, sangue e dificuldades noutras situações aqui custou apenas paciência, espírito construtivo de parte a parte e vontade de ajudar o Brasil. E os preços dos fretes estão caindo drasticamente, desde já, no porto do Rio, no porto de Santos, no porto do Rio Grande. E nós estamos fazendo novos portos: o porto de Pecém, no Ceará, o porto de Suape, em Recife, Pernambuco.

Na energia, nós não nos contentamos apenas com a energia elétrica. Alcançamos a marca de um milhão de barris de petróleo, recentemente, pela Petrobras, que tem dado uma colaboração essencial ao desenvolvimento deste país. E vamos continuar, agora, com a abertura de campos novos, a competição também nessa área, porque nós precisamos chegar a uma situação mais confortável, de menor dependência de importação de petróleo, que ainda onera fortemente a nossa balança comercial.

E agregamos o gás. O gás, que era sonho de quase 50 anos. Como Ministro das Relações Exteriores, fui à Bolívia, com o Presidente Itamar Franco, e assinamos um convênio. Esse convênio, hoje, são tubos de gás que estão sendo plantados na terra, que vão da Bolívia a São Paulo. E, agora, eu vou assinar a ordem de serviço para ele ir de São Paulo ao Rio Grande do Sul, cruzando o Brasil todo com pipas, com gasodutos, para que nós tenhamos uma energia mais limpa e mais barata.

E lá na Amazônia, em Urucu, lá na nossa Floresta Amazônica, onde há gás também, os dutos já estão sendo feitos. E, dentro de pouco tempo, vamos ter Rondônia com sua energia gerada a partir do gás de Urucu e Manaus iluminado com o gás de Urucu. Onde não foi possível ter gás, fizemos um acordo com a Venezuela, e, lá em cima, em Roraima, nos vamos ver energia gerada na Venezuela a iluminar as ruas das nossas cidades de Roraima.

É um novo Brasil. Quando nós formos olhar o que estamos fazendo na recuperação das estradas – e o Governador está fazendo aqui, também, em Alagoas –, vamos ver que estamos construindo a maior obra de duplicação viária do continente, que é a rodovia que vai de Belo Horizonte a São Paulo, de São Paulo a Curitiba, de Curitiba a Florianópolis, de Florianópolis a Porto Alegre e de lá a Osório e vamos nos encontrar, algum dia, em Jaguarão, na fronteira com o Uruguai. São milhares de quilômetros de estrada que estão sendo duplicados. Quem tomar um automóvel no Rio de Janeiro e quiser ir, agora, ao Rio Branco, a capital do Acre, vai verificar que, em todo o caminho, sobretudo na 364 e na 374, há obras por toda a parte. Obra é trabalho para os brasileiros. Obra é multiplicação de riqueza, riqueza de estradas. É a possibilidade de este Brasil voltar a acreditar em si mesmo.

Não por acaso a taxa de investimentos cresceu fundamentalmente no Brasil. Não por acaso o investimento externo multiplicou-se de maneira assombrosa: de 1 bilhão de dólares, em 92, para 17 bilhões de dólares, no ano passado. E não por acaso, com tranqüilidade, quando houve uma tentativa de especulação contra o Real, o Governo tomou todas as medidas necessárias e conseguiu vencer a parada. E, se algum outro abalo houver, não será por aqui. Será fora. E nós resistiremos da mesma maneira, porque nós temos um governo que fala ao povo e explica e, quando é necessário, pede medidas duras e o Congresso apóia. Agradeço, outra vez, ao Congresso por isso mesmo. E, quando o Congresso apóia, sentem que há unidade nacional, que há vontade de um projeto nacional de crescimento, e que esse projeto está embasado na seriedade, na disposição de fazer o que é necessário. E o que é mais necessário é dar oportunidades melhores e mais igualitárias ao nosso povo. Quando se tem esse espírito, ganha-se a batalha.

Nós somos, hoje, um povo vencedor. Nós somos, hoje, um povo que sabe das mazelas, sim, tem muita consciência delas e que, ainda hoje, foi me assegurar, mais uma vez, da ação direta do agente comunitário de saúde e do médico de família nas casas dos pobres. Sabemos das dificuldades das escolas. Mas nós, hoje, temos um projeto nacional de desenvolvimento. E esse projeto nacional de desenvolvimento não é mais demagogia, não se curva diante da retórica de palavras vazias que não têm tradução possível. Trabalha silenciosamente, persistentemente, honestamente, com a convicção de que só assim se consegue, realmente, numa sociedade democrática, avançar para o bem do povo.

Termino ao dizer que esta inauguração, hoje, aqui, faz justiça a Alagoas. É obra, repito, da Chesf, do Ministério de Minas e Energia, mas é obra voltada para a necessidade de atender, mais e mais, a população de Alagoas e de Sergipe. Multiplica por quatro, com esta subestação e com a outra que mais adiante se encontra, a capacidade distribuidora de energia nesses estados.

E um estado que começa a se organizar politicamente, um estado que encontrou unidade para levar adiante sua política, um estado que tem esse litoral extraordinário, do qual eu pude participar, ontem, um

pouquinho só, quase ao fim da noite, mas o suficiente para sentir as águas tingidas de verde de Alagoas, um estado que tem um apelo imenso para o turismo, portanto, um estado que passa a ter, agora, um apelo também para o investimento industrial, mas, sobretudo, que tem a consciência social que é digna de um Teotônio Vilela, um Estado que, na memória de Teotônio Vilela, se faz presente, através de obras sociais concretas, é um estado vitorioso.

Eu volto daqui, de Alagoas, com a sensação de que, com esse pouco tempo de diferença entre a viagem última que fiz e esta, eu encontrei um novo Alagoas. E este novo Alagoas é o Alagoas vencedor.

